

CONTENÇÕES QUANTO À INTERPRETAÇÃO TRADICIONAL DE 666 EM APOCALIPSE 13:18

Milton L. Torres*

Segundo Edward L. Pothier, o número 666 de Apocalipse 13:18 é o mais famoso ou infame número de toda a Bíblia.¹ Talvez seja por isso que tanto se tem falado a seu respeito: o número da besta tem sido o tema de inúmeros filmes e livros.² Sua representação parece, ao homem moderno, mística e misteriosa, pois o número sempre aparece popularmente associado ao mal e ao perigo. Esse texto de Apocalipse reza: “Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis.”

Até mesmo alguns fanáticos estudantes modernos do Apocalipse se vêem alarmados com o número 666 e se preocupam com os grandes sistemas numéricos da informática. Se a besta se apoderasse de tais sistemas talvez usasse um sistema hexadecimal (isto é, com base 16) em vez do tradicional sistema decimal (isto é, com base dez). No sistema hexadecimal, como empregado atualmente, usam-se 16 símbolos numéricos - zero a nove e mais seis símbolos adicionais: A=10, B=11, C=12, D=13, E=14, F=15. Na notação hexadecimal, em vez de se usarem unidades, dezenas e centenas, usam-se múltiplos de 1, 16 e 256. Dessa forma, 666 equivaleria, em números hexadecimais, a 29A, uma vez que teríamos a fórmula $666 = 2 \times 256 + 9 \times 16 + 10 \times 1$.

Uma vez demonstrado o interesse generalizado pelo número 666, acrescente-se a isso que interpretações diversas têm sido providas em referência a esse mistério do Apocalipse. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, por exemplo, o tem interpretado tradicionalmente como uma referência a uma suposta inscrição na mitra papal: *Vicarius Filii Dei*.³ A expressão latina significa “Vigário [ou Substituto] do Filho de Deus” e proveria a base para o cálculo do número, pois a

* Milton L. Torres, Mestre em Língua Portuguesa, UFBA, é Diretor acadêmico do IAENE e Professor de Português e Grego no SALT-IAENE.

¹ Edward L. Pothier, *Six hundred sixty-six but not 666*. Pothier@neuhec.hex.neu.edu. Departamento de Física. Boston: Northeastern University, 1991.

² A *Bibliotheca Sacra*, por exemplo, que é um prestigioso “journal” teológico produzido pelo Seminário Teológico de Dallas, teve seus primórdios associados a dois artigos escatológicos escritos por Moses Stuart acerca do número da besta, já em 1843 (ele ainda escreveu um terceiro artigo de teor escatológico sobre “a pedra branca do Apocalipse”). Conf. George G. Houghton, “Bibliotheca Sacra: Its Beginnings in 1843”, *Bibliotheca Sacra*, 126:503 (julho de 1969), 214-223. Como se vê, uma interpretação satisfatória do número da besta é uma preocupação antiga que interessa outras denominações além da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

³ Cf. William G. Johnsson, *Revelation 12-14: The Saints' Victory in the End-Time. Supplement to the Adventist Review* (Novembro de 1994), 11.

soma, em algarismos romanos, de suas letras daria exatamente o total de 666.

A pergunta que se pretende responder neste artigo é “até que ponto há evidência hermenêutica, exegética e histórica que sustente essa interpretação?”

O Personagem Central de Apocalipse

O Apocalipse é uma das maiores histórias de suspense já escritas. Com efeito, sem esquecer a realidade que caracteriza a trama, seu clima se nos afigura impressionantemente surrealista. Além disso, o livro é marcado por uma simbologia de tons quase herméticos. Apesar disso, o livro é uma **revelação** e é nesse contexto que seu protagonista nos é apresentado logo em seu primeiro capítulo.

No Apocalipse, Cristo não aparece como fraco e indefeso. O livro nos revela um Cristo majestoso que, com Seu poder, abre o caminho e as portas da salvação e nos coloca diante da própria presença de Deus, o Pai. Suas vestes são talares, à moda dos sacerdotes; Seu cinto é de ouro, como convém aos reis; Seus cabelos são alvos como a eternidade; Seus olhos têm a fulgurância da onipotência; Seus pés têm a estabilidade do bronze; e Sua voz, o estrondo da autoridade (cf. Ap 1:12-20).

Após a apresentação do personagem central, o enredo se projeta em direção a um drama emocionante: a ação se faz incontinenti. Esse drama é tão comovente que leva o apóstolo às lágrimas. João havia visto um livro na mão direita de Deus, mas ninguém conseguia arrebatá-lo da destra do Todo-Poderoso a fim de romper os seus selos (pois os selos eram, em realidade, lacres) e perscrutar seu conteúdo. O livro só seria entregue a alguém que fosse digno de lê-lo. Deus mesmo o havia escrito, registrando, assim, profecias emocionantes sobre acontecimentos futuros.⁴ Esses assuntos proféticos se achavam selados tão perfeitamente que ninguém indigno poderia ler o livro. Contudo, não teria Deus exposto o livro à vista de Suas criaturas caso não tivesse o propósito de lhes satisfazer o interesse e revelar-lhes o mistério sagrado de Sua vontade. Destarte, Ele revelaria tal mistério no devido tempo por meio daquele que considera digno.

Ao proclamar, com voz alta, a pergunta: - Quem é digno de abrir o livro?, o anjo causou poderoso impacto no coração do apóstolo. Talvez João tenha imediatamente começado a buscar mentalmente a fisionomia de alguns de seus discípulos mais talentosos. Ele mesmo não se considerava digno e, quando lhe parecia que não havia nenhuma outra criatura capaz de fazê-lo, chorou copiosamente. Chorou desesperadamente, mas não chorou de balde.

⁴ Sobre as polêmicas acerca da interpretação dos capítulos 4 e 5 de Apocalipse, cf. Milton L. Torres, “Apocalipse 4 e 5 na Teologia Adventista”, *Revista Teológica do SALT-IAENE* 1:2 (julho-dezembro de 1997), 23-42.

O Herói Entra em Cena

A grande avidez de João para que se solucionasse o mistério do livro selado prefigura, de modo exato, o desejo ardente dos que estudam a Bíblia em nossa própria época. Nossas lágrimas de interesse e ansiedade podem, de igual modo, ser enxugadas como o foram as lágrimas ardentes de João há quase vinte séculos.

Há alguém que pode abrir o livro, arrancando-lhe os lacres. Justamente no momento de maior intensidade emocional (quando o apóstolo estava em pranto), o mocinho entrou em cena. Jesus é assim: justamente nos momentos mais angustiosos, aparece para confortar e ajudar. Ele quer estar conosco em nossos momentos de dúvida e crise. De fato, Jesus é o herói de uma das mais belas de todas as histórias – a história hermenêutica da busca de sentido e significado na Bíblia Sagrada.

Dessa forma, a interpretação dos muitos símbolos do Apocalipse não se faz de forma desajudada.⁵ É Cristo o único que pode quebrar os lacres que selam a revelação de Deus acerca dos momentosos eventos dos tempos finais. Por isso, a atitude do intérprete da revelação deve ser de humilde respeito para com essa simbologia que só se desvenda mediante a instrução do próprio Cristo.

De igual modo, a compreensão de que a hermenêutica apocalíptica se faz sob a tutela do Mestre não nos deveria permitir que nos intimidássemos diante das questões ainda abertas ou que nos contentássemos com explicações insatisfatórias por mais convenientes que essas se nos afigurem.

Por isso, uma revisão acerca da interpretação tradicional que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem dado ao misterioso número 666 pode chamar nossa atenção para o fato de que o expediente humano deve se aliar à provisão divina de humildade e respeito. Não nos devemos contentar com verdades incompletas, mas buscar a plenitude do conhecimento em Cristo Jesus.

As Tentativas de se Interpretar o Número 666

A aritmologia foi considerada por Filo de Alexandria como uma ferramenta útil para a exegese. Ele não a confundia, porém, com o misticismo numérico, que se denomina atualmente de numerologia. Ele tampouco a confundia com o simbolismo numérico de seus dias e limitava o seu uso aos dez primeiros algarismos.⁶ Os Oráculos Sibílicos, uma antologia complicada oriunda de fontes e épocas diferentes, também ensaiaram tentativas de empregar a aritmologia com

⁵ Para uma melhor compreensão acerca da natureza e propósito dos símbolos apocalípticos, Cf. Torres, *Ibid.*, 24-27.

⁶ Veja-se John Peter Kenney (ed.), *The School of Moses: Studies in Philo and Hellenistic Religion*. *Brown Judaic Studies* 304 (Atlanta: Scholars Press, 1995), 182.

valor exegético, especialmente nas interpolações feitas pelos cristãos.⁷

A aritmologia de Irineu. *Adversus Haereses (Contra as Heresias)*, de Irineu (130-202 AD), bispo de Lyons, que sobreviveu apenas em sua tradução latina, é o mais antigo documento a apresentar uma interpretação de 666: 600 seria a idade de Noé por ocasião do dilúvio; 60, a altura da estátua de Nabucodonosor; e 6, a sua largura. Irineu imaginava ser a besta a recapitulação de todo o mal registrado nas Escrituras.⁸ Ele também via possibilidades de que o número se referisse ou ao nome *Teitan*, que era considerado divino, ou a *Lateinos*, o nome do último dos quatro reinos vistos por Daniel. Apesar de escrever apenas cem anos depois da composição do Apocalipse, ele próprio reconhece, no entanto, que tinha dificuldades para fazer tal cálculo e recomenda que é melhor aguardar o cumprimento da profecia para que se possa ter uma interpretação mais confiável. Como se percebe a empreitada de interpretar o número 666 não parece nada fácil.⁹

Referências a Nero. Durante algum tempo interpretou-se o número até mesmo como uma referência ao imperador Nero. Contudo, essa interpretação caiu em descrédito porque exigia que o nome do imperador fosse soletrado como Neron, o que produzia o número 616, na contagem dos caracteres gregos. Isso pode explicar o fato de alguns manuscritos, como por exemplo o Códice Ephraemi Rescrito (séc. V), terem preferido essa variante.

O fenômeno da triangularidade. Uma outra explicação matemática do número procurou compreendê-lo à luz do fenômeno da triangularidade. Um número triangular é qualquer número (como 1, 3, 6, 10, 15, etc.) que representa a quantidade de pontos nas figuras formadas que começam com um ponto ao qual se acrescentam fileiras consecutivas de modo a se formarem triângulos, sendo que cada fileira tem um ponto a mais que a anterior.

Assim, o número 36 contaria com os seguintes pontos:



Como se percebe o número 36 é o triangular de 8, pois são necessárias oito colunas para incluir 36 pontos. Ora o triangular de 36 é precisamente o número

⁷ Veja-se uma tradução dos *Oráculos Sibilinos* em J.J. Collins, "Sibylline Oracles" em James H. Charlesworth (ed), *Old Testament Pseudepigrapha* (New York: Doubleday, 1983), 1:342.

⁸ Escrito por volta de 180 AD, o *Adversus Haereses* era uma refutação do gnosticismo.

⁹ Alexander Roberts and James Donaldson (eds), *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979).

666, que é, portanto, o triangular de um outro triangular.

Contudo, essa formalização não contribuiu para qualquer esclarecimento acerca do sentido do número. O que se viu no caso desses expositores foi uma forçosa inclusão da expressão grega *he latine basileia* (“o reino latino”) como ponto de referência para se fazer, com o número, uma referência ao Império Romano.

O caso do tríplice seis. Como muitas traduções modernas representam o número da besta como um tríplice 6, dentre elas a NIV (mais popular Bíblia em uso hoje nos Estados Unidos), a Bíblia de Jerusalém, a Good News Bible, a Nova King James Version e a Bíblia Viva, é comum que os comentaristas chamem a atenção para o simbolismo do tríplice seis: o rodapé da New American Bible, por exemplo, reza: “seis representa imperfeição, pois é uma aproximação do número sete, e é representado aqui sob a forma de um superlativo tríplice.” Assim, como a besta não consegue ser Deus (cuja perfeição é comumente representada na Bíblia pelo número sete), ela insiste em sua tentativa com a tríplice reiteração do número seis: 666. Essa posição tem cativado também alguns autores adventistas, tendo sido mesmo adotada por William G. Johnsson, cujos artigos e editoriais aparecem com frequência na *Revista Adventista* em inglês.¹⁰ O artigo de Pothier refuta completamente essa interpretação, pois ele demonstra que o sistema numérico adotado nos manuscritos gregos é o sistema alfabético milésico que nunca conceberia o número 666 como a repetição tríplice de um mesmo algarismo.¹¹ Aquele era um sistema decimal, mas não era um sistema de valor de lugar, pois os gregos desconheciam o algarismo zero.¹² Dessa forma, eles necessitavam de 27 caracteres para representar as unidades, as dezenas e as centenas, enquanto o sistema decimal arábico (que era um sistema de valor de lugar), adotado pelo ocidente por volta do ano 1000 AD, só necessitava de dez algarismos para representá-las.¹³ É, por isso, que os poucos manuscritos que

¹⁰ Johnsson, 11.

¹¹ Esse sistema foi adotado pelos gregos por volta do séc. VI aC e oficializado em Atenas no primeiro século aC. O termo milésico se refere à cidade de Mileto, na Ásia Menor, mencionada no NT em Atos 20:15, 17 e 2 Timóteo 4:20, mas sem qualquer conexão numérica. Os gregos adotaram modernamente o sistema decimal arábico; contudo, segundo Pothier, o antigo sistema milésico ainda persiste de modo informal. Ele conseguiu encontrá-lo, por exemplo, em 1987, em um mapa que decorava uma pizzaria na Grécia.

¹² Veja-se Karl Menninger, *Number words and number symbols: A cultural history of numbers* (Cambridge: MIT, 1969).

¹³ Ora, no sistema arábico, o número 209 pode ser representado por três algarismos, pois o dois adquire o valor de duzentos quando colocado na casa das centenas. Ao sistema milésico, contudo, isso era impossível pois os gregos não contavam com o zero para indicar que a casa das dezenas permaneceria vazia. Assim, eles representavam o número 209 com dois algarismos: o primeiro deles valeria vinte e o segundo, nove (sigma)(theta). Vejam-se explicações mais detalhadas acerca do desenvolvimento do sistema numérico adotado pelo ocidente em: Graham Flegg (ed), *Numbers Through the Ages* (Londres: Macmillan, 1989) 88-130. Georges Ifrah, *From One to Zero: A Universal History of Numbers* (New York: Viking, 1985) 428-497. Karl Menninger, *Number Words*

trazem o número 666 em expressão numérica utilizam três algarismos diferentes para representá-lo: o primeiro deles vale 600; o segundo, 60; e o terceiro, 6 - (chi)(xi)(stigma).¹⁴

Tabela de Valores Numéricos do Grego (Sistema Milésico)

1 alpha	10 iota	100 rho
2 beta	20 kappa	200 sigma
3 gamma	30 lambda	300 tau
4 delta	40 mu	400 upsilon
5 epsilon	50 nu	500 phi
6 [digamma]	60 xi	600 chi
7 zeta	70 omicron	700 psi
8 eta	80 pi	800 omega
9 theta	90 [koppa]	900 [sampi]

Vicarius Filii Dei. O *SDABC* afirma que a compreensão de que o número 666 se refira à expressão *Vicarius Filii Dei* é “**uma** interpretação que ganhou aceitação no período que se seguiu à Reforma” (grifo acrescentado).¹⁵ Tal interpretação se baseava na identificação do papa com o Anticristo, o conceito histórico da Reforma, tendo tido como seu principal expoente um certo Andreas Helwig (1572–1643). Helwig era um professor de Letras Clássicas e lexicógrafo tão habilidoso com o grego e o latim que chegou a ser reitor em Berlim, quando se interessou pelo assunto do Anticristo. Ele trabalhou com cerca de quinze títulos em três línguas até se fixar em *Vicarius Filii Dei*, justificando tal opção com quatro razões básicas: em primeiro lugar, por ser o título escrito em latim, cujos caracteres se prestariam exatamente a tal cômputo; em segundo lugar, porque o número se harmonizaria completamente com o ofício papal; em terceiro lugar, porque o título não seria uma acusação proferida por inimigos, mas um título a ele atribuído por seus admiradores; e, finalmente, em quarto lugar, porque o título já tinha sido usado, àquela época, por praticamente todos os pontífices. Mesmo reconhecendo que o número 666 poderia ser obtido a partir de vários outros nomes, o *SDABC* afirma que “aceita essa posição como a melhor que foi

and Number Symbols: A Cultural History of Numbers (Cambridge: MIT Press, 1969) 389-445. Citados por Pothier.

¹⁴ De fato, apenas o papíro Chester Beatty p⁴⁷ (séc. III) e o *Textus Receptus* (séc. XVI) contêm a expressão em sua forma numérica. Os demais manuscritos a trazem por extenso: seiscentos e sessenta e seis, inclusive os importantes Códices Alexandrino (séc. V) e Sinaítico (séc. IV) - infelizmente, Apocalipse não se encontra no Códice Vaticano (séc. IV). Há ainda um único manuscrito tardio com a variante 615.

¹⁵ Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1980), 7: 823.

apresentada” até sua publicação.¹⁶ A soma dos valores numéricos de cada letra seria a responsável pela obtenção do número 666:

V	5	F	
I	1	I	1
C	100	L	50
A		I	1
R		I	1
I	1		
V	5	D	500
S		E	
		I	1
			666

Problemas com a Interpretação Tradicional

Algumas razões podem ser sugeridas por que o número 666 não deve ser aplicado à expressão *Vicarius Filii Dei*.¹⁷

Falta de apoio histórico. Já faz muito tempo que W. W. Prescott demonstrou que não há bases históricas para supor que essa inscrição jamais tivesse feito parte da tiara papal, pois esta não contém inscrição alguma.¹⁸ O que parece é que os desenhos que mostram uma mitra papal com a expressão *Vicarius Filii Dei* são oriundos mais da imaginação dos artistas e evangelistas do que de um confiável fato histórico. Logo, então, se desenvolveu a teoria de que a inscrição não estaria na tiara, mas na mitra papal, sendo que esta não teria o mesmo valor litúrgico da tiara. Porém, esse desenvolvimento não é mais digno de crédito do que a declaração inicial. Falando a respeito dessa objeção, o *SDABC* afirma que “se a inscrição *Vicarius Filii Dei* aparece na tiara ou na mitra não é relevante. O título é admitidamente aplicado ao papa, e isso é suficiente.”¹⁹ Contudo, não há como negar o fato de que tal interpretação ganharia muito mais força se fosse verdade que o papa utilizasse algum tipo de coroa com aquela inscrição!

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ O termo *vicarius* é grafado com “v” porque a letra “u” é um acréscimo posterior ao alfabeto latino, sendo juntamente com o “j” chamado de letra ramista em homenagem a Petrus Ramus, humanista francês que as introduziu, durante o Renascimento, naquele alfabeto. No princípio o “v” era pronunciado como /u/ quando aparecia entre vogais e como /v/ após consoante ou no início de palavra. Veja-se Rosaura Maria Galvão Fagundes Poggio, *Iniciação ao Estudo do Latim* (Salvador: EDUFBA, 1996), 1:24.

¹⁸ Cf. Gilbert M. Valentine, *The Shaping of Adventism: The Case of W. W. Prescott* (Berrien Springs: Andrews University, 1992), 273-275.

¹⁹ *SDABC*, 7:824.

Violência à língua original do texto neotestamentário. Computações que exigem uma mudança de língua, considerando a aritmética em latim ou hebraico, parecem fazer violência ao teor do texto grego. O Apocalipse foi escrito em grego e o cálculo do número 666 deveria ser feito naquela língua e não numa outra língua.²⁰

Aplicação indevida da gematria. Ainda que se levasse em conta o cálculo do número da besta em algarismos romanos (que era um sistema numérico muito em voga nos dias de João, autor de Apocalipse), esbarrar-se-ia em outra dificuldade. A contagem dos valores numéricos presentes nas letras de uma palavra não era uma prática latina costumeira. A gematria ou isopsefia,²¹ que era um procedimento usado por judeus e gregos, respectivamente, para calcular o valor numérico de um nome, não era usada pelos romanos. E, mesmo em seu uso corriqueiro, sempre se partia do nome para o número e nunca do número para o nome. É interessante, contudo, que o número 666, em algarismos romanos, empregaria os caracteres daquele sistema sem repeti-los: DCLXVI.

Equívocos com respeito ao título histórico do papa. Objeções têm sido levantadas segundo as quais o título historicamente atribuído ao papa não seria a forma longa *Vicarius Filii Dei*, mas a forma encurtada *Vicarius Dei* ou *Vicarius Christi*, conforme é mencionado por Belarmino.²² Assim, os cálculos de Helwig teriam se baseado não no título histórico do papa, mas em uma forma longa que lhe seria equivalente.

Procedimento exegético supérfluo. Finalmente, pode-se acrescentar que alguns intérpretes que entenderam que o sistema papal seria a corporificação dos poderes da besta do Apocalipse, chegaram a essa conclusão sem fazer uso da identificação do número 666 com o título *Vicarius Filii Dei*. Esse é o caso, por exemplo, de Robert Fleming Jr. (c. 1660-1716), renomado pregador escocês que predisse que a Revolução Francesa seria um prelúdio para a derrocada papal.²³ Ora, esse estudioso estava convicto de que a besta de Apocalipse 13 era um símbolo do poder papal, sem jamais ter necessitado do cálculo do número 666 para fundamentar sua posição.

Conclusão

Apesar de aparecer apenas duas vezes na Bíblia (em Apocalipse 13:18, e em uma alusão feita em 15:2), o número 666, a despeito de muitos esforços

²⁰ Curiosamente, se considerarmos o sistema milésico, o nome de Jesus (em grego, *Iesous*), somados os valores numéricos de cada letra, daria exatamente 888 (10+8+200+70+400+200).

²¹ O termo é oriundo do verbo grego *psēfizo*, "calcular", que, por, sua vez, advém de um vocábulo comum para "pedregulho", pois uma quantidade destes era usada para facilitar o processo de contar.

²² Cf. Le Roy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation* (Washington, D.C.: Review & Herald, 1948), 2:607.

²³ *Ibid.*, 642-649.

interpretativos, permanece um mistério para a cristandade e, segundo Johnsson, a esse respeito “nenhum consenso foi alcançado.”²⁴

Uma coisa, contudo, parece além de dúvidas, não há como ligar o número à expressão *Vicarius Filii Dei*, seja através da história, da exegese ou da hermenêutica. Ellen White jamais emprega essa expressão latina e, mesmo crendo os cristãos (e especialmente os adventistas do sétimo dia) que o número se refira a um poder político-religioso, não deveriam apresentar uma gematria insegura e insipiente como forma de justificar sua posição.

Retornando à introdução desse artigo (na qual Jesus é apresentado como Aquele que pode abrir os lacres que selam os mistérios de Deus), nossa ardente expectativa acerca da compreensão dessa passagem de Apocalipse não nos deveria deixar insones. O grande Deus, em Sua misericórdia, há de fazer a revelação precisa de seu conteúdo quando os tempos assim o requererem. Enquanto isso, Sua igreja pode sentir-se segura de que Ele não a desampará.

²⁴ Johnsson, 11.